

# O BARCELLENSE

PERIODICO POLITICO, LITTERARIO E NOTICIOSO

C. M. B.  
Biblioteca

VII SERIE

### CONDICÇÕES DA ASSIGNATURA

Por trimestre . . . . . 240 rs.  
Franco de porte . . . . . 260 "  
Numero avulso . . . . . 30 "  
Assigna-se em Barcellos, na casa de  
A. J. Monteiro de Lima, rua Direita.

### PUBLICA-SE AS QUINTAS-FEIRAS

QUINTA-FEIRA 16 DE JUNHO DE 1881

### PREÇOS DOS ANUNCIOS

Na mesma casa recebem-se annuncios e correspondencias a 30 rs. por linha, com abatimento aos srs. assignantes da 4.<sup>a</sup> parte—annuncios repetidos 15 réis.

NUMERO 5

Barcellos, 15

## CORRUPÇÃO, IMMORALIDADE.

Aqui d'el-rei, dizem os de Pa-fe, contra o sr. governador civil, que nomeou uma commissão para administrar o hospital d'aquella Villa com o fim unico de proteger o sr. Visconde de Moreira Rei, que pertence de defraudar a herança de seu tio, que é obrigado a restituir áquelle pio estabelecimento.

Aqui d'el-rei, disemos nós, contra o sr. governador civil, que consente, que o seu delegado, auctoridade corrupta e inepta, arrombe as portas do recolhimento do Menino Deus, desta Villa, sem que até hoje tenha tomado providencia alguma para desafrontar a sociedade ultrajada.

Aqui d'el-rei contra o sr. governador civil, que se compraz em contemplar e admirar o seu subordinario neste concelho, que por seu alvitre ou ordem do seu superior, arranca do interior do recolhimento do Menino Deus, desta villa, tres orfãs e menores, e sem previo aviso de seus paes ou tutores, põe-nas ao desamparo e no meio da rua. Já não vale a fé dos contractos!—já se não respeita a propriedade!—é puro arbitrio, qualquer poder entrar por casa dentro de de quem lhe aprouver, e raptar o que ali encontrar!—está restabelecida a communa!—apraz-nos recordar Alcoy e Carthagenal!—acabaram os contractos, e paga quem quiser!

Aqui d'el-rei contra o sr. governador civil, que em menoscabo da religião, consente, que o seu delegado d'este concelho, prégue as portas da egreja do Menino Deus, desta villa, com escandalo e espanto geral de todos aquelles, que se presam ser religiosos e catholicos, e dos que, todos os dias, ali elevavam ao Altissimo as suas preces e orações.

Cobardes,—que só sois fortes contra senhoras;—cobardes,—que só sois fortes contra crianças, a quem não duvidaes, roubar-lhe a honra:—cobardes, que só sois fortes em despojar do que é seu en-

tes fracos, que não tem braço forte, para vos esmagar;—cobardes, que só sois fortes no desprezo das leis, quebrando todos os vinculos sociais, e esquecendo-vos até o que deveis á religião.

Caminhai, e não olheis para o abysmo, e tereis as consequencias:—pena de talião.

Não olheis para o dia da manhã, e quando vos bater á porta, acceitai o que vos der:—olho por olho.

Cunha Ozorio

## O ORÇAMENTO

Toda a casa, por mediocre que seja, sem orçamento, não pode ser bem governada.

Precisam d'elle o commercio, os bancos, as grandes e pequenas industrias.

Não é menos necessario ás confrarias, parochias, camaras, juntas geraes do districto & c.

Mas onde elle é vital, imprescindivel, inalienavel, é no Estado, no governo da Nação.

Segundo a Carta Constitucional a principal prerogativa da camara dos srs. deputados é a approvação do orçamento.

Por que o não quiz o actual governo estando já elle approvedo pela camara dos srs. deputados, podendo ser elle tambem approvedo em dous ou tres dias na camara dos dignos pares, onde o governo tinha maioria?

A resposta é facil:—quem está habituado a gastar á farta e á larga não podia acceitar um orçamento feito por um governo sisudo e honesto, que não deixava margem para presentes e folares a afilhados.

A camara dos srs. deputados, negando a lei de meios a um governo stulto e dissipador, e não querendo associar-se com elle nos seus desvarios, de que tem dado constantes provas, cumpriu um dever de consciencia em não lhe dar elementos para gastar á larga sob a forma de legalidade.

Não quiz o governo corrupto e dissipador acceitar o orçamento, que os seus adversarios tinham para si, e julgavam sufficiente para o paga-

mento dos encargos da nação;—nem tão pouco, a lei de contabilidade publica, pela qual não podiam gastar mais do que o orçamento, sendo fiel vigia o tribunal de contas, que tinha de visar as ordens de pagamento:—esta lei, que tão glorificada foi pela propria opposição e votada por ella, deixa-o de ser agora, porque é governo e faz arranjo.

Que bem procedeu a camara dos srs. deputados em negar a lei de meios e propugnar pela approvação do orçamento na camara dos dignos pares—dillo eloquentemente o Conselho de Estado, e não precisa d'outro testemunho. Votaram pela prorrogação das camaras como consequencia necessaria para approvação do orçamento, além dos srs. Braamcamp, general Gaula, e conde de Casal Castro—os srs. Martens Ferrão e Serpa, regeneradores!—tal era o escandalo de não quererem o orçamento approvedo!

Um ministerio, que tinha augmentado a receita publica, e diminuido as despesas;—um ministerio, que tinha pago a divida flutuante na importancia de vinte e tantos mil contos e reduzido a menos de metade o deficit do orçamento;—um ministerio, que tinha feito a lei de responsabilidade de ministros, e a de contabilidade publica, com a organisação de Tribunal de Contas, e exame previo sobre todas as ordens de pagamento—não podia estar á altura da gravidade das circumstancias, como desejavam os dissipadores, e protectores de todos os corruptos e ladroens!

Lá está a syndicancia, que mostra terem desaparecido trinta e seis contos de réis na passagem do ministerio do reino para o da guerra;—lá está o ministerio da guerra, d'onde desapareceu quantia superior, a mil e dusesentos contos;—lá está o cofre da repartição dos correios e telegraphos onde se não sabe o destino, que tiveram algumas desenas de contos de réis.

O partido regenerador nunca quiz saber de rei nem roque;—quer gastar á vontade, e dar presentes e folares aos amigos e compadres;—distribuir por elles pingues gratificações, de forma a trase-los sempre contentes;—crear empregos, embora superfluos e desnecessarios,

para nunca desmerecer;—e se ainda não chegarem para contentar todos os corruptos e devassos, reformar gente valida com mais o terço do ordenado, embora a reforma lhes não pertença!—mas que é necessario que assim seja, para não crear descontentes, e serem servidos os recémchegados:—com orçamento sem ensanchas, e um tribunal fiscalizador e responsavel, não se pode fazer tudo isto, e o sr. D. Luiz 1.<sup>o</sup> tambem não quer, que os seus amigos trilhem esse caminho:—podera...

Se, se não creasse a penitencia-ria de Lisboa, como se havia de fazer tanta gente feliz?—como se havia de empregar tantos amigos, e trase-los contentes, nedios e satisfeitos?—não podia ser, porque, sem dinheiro, não se vence a guerra.

Se, se não mandasse construir o tribunal militar de Santa Apollonia, como se havia de contentar amigos, sem pagar uma fechadura por oitenta mil réis, e uma caixa para lançar requerimentos, por quatro centos mil?

E querem, que com o orçamento approvedo com o strictamente necessario, se possam fazer todas estas ventagens?—que diriam os amigos?

Como se havia de matar a fonte no Algarve sem mandar construir estradas districtaes pelo preço das do caminho de ferro—sem crear empregados, mais que os trabalhadores—sem deixar locupletar os amigos, engenheiros e conductores, que formavam orçamentos com desenvolvimento de terras e aberturas de pedreiras, que nunca existiram!

E que diremos nós do caminho de ferro do Douro, e dos impressos fornecidos pelo proprietario da typografia do jornal, a Actualidade?—outras tantas penitencia-rias.

Iriamos longe;—o governo não quer orçamento, nem quem o vigie, porque isso não diz bem com seu caracter:—os homens são briosos.

Ficou empatada a votação do Conselho do Estado, e o sr. D. Luiz 1.<sup>o</sup> votou pela dictadural

Cunha Ozorio

# A PARCADA

## O Ante-Christo.

Diz por ahi o povo e, ao que se nos affigura, não sem razão, que é chegado o *Ante-Christo*, e que ahi se alardeia no nosso concelho encarnado no corpo do sr. de Ludgero. Não podemos nós, por falta de sciencia e auctoridade para o fasermos, afirmar que assim seja, mas em abono da verdade forçoso é que confessemos que se o homem não é o *Ante-Christo*, tem em si mais diabos que a legião d'elles que Jesus expulsára do corpo de misero possesso e consentira entrasse na manada de porcos que proximo pastavam, e tão fóra de si se viram com o presente que, arrojando-se por um despenhadeiro impetuosamente, se afogaram no lago que em suas faldas demorava.

E o peor é que os demonios que escolheram do nicio no corpo do sr. Ludgero são dos de peor raça *incubos e succubos*...

Pois não veem como os sujeitos bichos trabalham o misero do homem!! Quantas contorsões, cabriolas, escabujamentos, esgares, e que ranger de dentes, estacar de cabellos, arrepiar de carnes, esticar dos bigodes, trocar de pernas, ventarolar de cabeça, bambolear de braços, arrebitar de nariz, lhe não imprimem elles com perigo imminente de lhe desconjunctarem o arcabouço, deslocarem-lhe todas as vertebraes, cuspirem-lhe a luneta do afilado monco, desequilibraram-lhe a cabeça, distenderem-lhe as guias do bigode tão cuidadas, e porrem-lhe os ossos n'um feixe e as carnes em massa informe...

Confesso-lhes aqui mui á puridade que me dóe o coração por ver um pobre ente que nasceu para ser inoffensivo e nullo, verdadeiro João Ninguem e João Fernandes, só apto, quando muito, para soltar alguns funebres pios sobre as lousas dos cemiterios, assim possesso de uma legião de diabos e diabos dos mais inquietos da democracia cujos nomes de guerra *Gil, Vacca Brava, dr. Pomponio, Frincha, Lilaia pae, Lilaia filho, Secretario geral do concelho, Thomas bebedo, Reichello & & &*

Pobre hominho! como resistires e por quanto tempo ao exercicio a que assim te obrigam e forçam esses espiritos malignos que de ti se apossarem, e entre si apostaram tornar-te o *Ante-Christo* do concelho e papão d'elle, no sentido de alcançarem a realisação de seus intentos!! Não ireis longe! e não viverá muito quem não chegar a verte estatelado para algum canto, pasto dos corvos e vermes...

## Que edil...!

É bem sabido quaes as funcções dos edis plebeus na antiga Roma. Tinham elles principalmente a seu cargo a policia dos mercados, a fiscalisação do peso e medida e preço dos generos e cousas vendidos n'elle, e a repressão das contravenções dos regulamentos respectivos.

Pois se possivel fóra o ressuscitar hoje em dia e em Barcellos o mais zeloso e mais pintado dos edis da velha Roma, creiam que ficaria a perder de vista em seu mister, do sr. administrador do concelho Manoel de Ludgero!..

Com este não há *fun nem meio fun* em cousas de policia municipal, e á risca faz cumprir os seus regulamentos, supprindo-os, reformando-os e ampliando-os por edictos seus proprios, (á guiza des *edicti ediletium* dos edis curues), quando os mesmos regulamentos deficientes para os casos occorrentes.

Assim n'um dos dias da semana passada obrigou o *sabio* administrador um lavrador, que á vendagem offerecia um carro d'achas, a vender cada cento d'estas a 340 rs. quando justo já elle havia cada cento a 380 rs.!

Viva, pois, o *hominho!* Viva o *Nichas!*

Se isto não é saber do seu officio, tudo n'este mundo são historias. Palmeemol-o, por tanto, e entusiasticamente, e quem se recuse a applaudir o sr. de Ludgero vá tratar das bombas que é officio eve.

Oxalá que elle se levante um dia da cama com a veneta de compellir os marchantes a reduzirem o preço tão excessivo da carne!.. se o fiser mandar-lhe-hemos erigir uma estatua, aproveitando-lhe para o busto formoso o mono de pedra que representava Barcellos, e por tantos annos jaseu no rio, debaixo da ponte. Bastará para que a semelhança seja completa que lhe ponhamos bigode e luneta...

Que honra então para o mono e que honra para o sr. Ludgero, e que pandega para os que forem admirar a promettida *estatuilla!*...

## Deixa, Badana, Deixa!

Cada um relata a seu modo o caso, e como succede quasi sempre que quem conta um conto lhe accrescenta um ponto, já pouco existe na versão do facto, da sua leição primitiva e verdadeira. Com bastante difficuldade conseguimos nós obter a narração fidedigna d'elle, pois é feita por um de seus primeiros figurantes, e eil-a ali vae tal qual, com seus proprios diseres e defeito de expressão do narrador. Fi-

que aqui registrada para e como subsidio importantissimo aos historiadores futuros da vida do memoravel Badana, sobre um dos successos mais notaveis do seu consulado.

Cedamos a palavra ao nosso homem:

«Eu, ia dua, e miga Bidana cupia a mim a quebeça; eu óla cima a bidaga e chama nomeze. Bidana diz-peza!, eu diga—Leixa, leixa, Bidana, leixa que quebra óca cada, leixa, quebra óca! —Cleta—peza!—eu diga—Leixa, Cleta, leixa, num leixa? dou um lamparão e cac cota chão e eu pia!..

«—Se leva peza, ópois sóta, e eu mata Cleta, mata miga, mata Bidana, e mata mim, ópois da paxião linda linda pá coba! cia pá coba tudo!—

Para os leitores que não estejam familiarisaos com a linguagem do narrador, damos em seguida a traducção em vulgar de sua narração. Eil-a:

«Eu ia pela rua dos \*, e a amiga do Badana cuspiu-me na cabeça. Olhei para cima, para a vidraga, e chamei-lhe nomes. Veio o Badana e disse:—Está preso! e eu disse-lhe: «Deixa, deixa, Badana, deixa se não quebro-te os oculos na cara, deixa, se não quebro os oculos!—Chega o Cleta e dá-me voz de preso, e eu digo: «Deixa, Cleta, deixa!.. não deixa?» Dei-lhe um empurrão e cahiu de costas no chão, e eu dei ás de Villa Diogo. Se me levam preso, depois soltam-me, e eu mato o Cleta, mato amiga, e mato Badana e mato-mo tambem, e depois ha uma procição bonita para a coval vae tudo para a coval.»

## O sr. administrador do concelho e o jogo.

Os tutores e conselho de familia do sr. administrador do concelho apenas lhe deixam as apparencias do poder e os lucros do lugar, sem nenhuma das prerogativas d'este, e sem a minima ingrencia e acção sua propria em tudo o que respeita á administração, policia e politica do concelho, cuja direcção e superintendencia elles se reservam. Representam elles d'este modo para com o sr. administrador do concelho o papel que os primeiros officiaes do palacio (*maitres du palais*) representavam em França para com os reis da primeira raça, que tratando só de comer e divertir-se viam em tudo governado e regido o reino por aquelles, appellidando-os por isso a historia os *reis ociosos* (*rois faineants*.)

As veses, porem, mette-se na cabeça ao sr. administrador, ou porque lhe cheguem volleidades de mandar ou porque, como succede

de longe em longe ás formigas, se veja acommetido do catharro, o querer mostrar que é gente (são recordações do *Quoque gens sumus* do Palito Metrico) e não simples boneco de papelão e cordeis, e fallando de papo e assumindo ares de tyranno e dictador ejacula com violento esforço officios tão memoraveis como aquelle á Madre Regente do Recolhimento do Menino Deus, em que, em estylo regio, lhe dizia *Hei por bem mandar...* ou elitaes de tamanho calibre como o respeitante ao jogo em que se lia: *Por forma alguma transijo...*

Mas são isto fogos, fatuos e verdadeiras enradas de leão e salidas de....

Se não está na sua mão, ainda que muito o quisesse, o emancipar-se da pesada tutela que lhe impuseram!.. Bem vê elle que aos primeiros signaes que dêsse de emancipar-se, seria posto na rua por incapaz e má figura.

Pois de que serviu o celebrado edital a que acabamos de referirnos (no qual, diga-se de passagem, nem a grammatica foi respeitada) para evitar a continuação dos jogos d'azar que desde que o sr. Manoel Ludgero to nou posse d'administração do concelho se abriram por ahi ás escancaras? a que valeu o elle arrotar no mesmo edital *que de modo algum transigia com a vontade dos que no concelho abusavam das disposições legaes e policiaes em vigor contra o jogo?*

Essa *vontade* dos jogadores pro valeceu sobre a sua, e o jogo tem continuado como até a publicação do edital, com a circumstancia aggravante de ser acompanhado por veses a murro e jogo de mocho pela cabeça, como succedeu ainda há poucas noites no *Café Central*, aonde se joga constantemente, e que aberto está até altas horas...

Deixe correr o marfim, sr. administrador, deixe correr o marfim, e se quer poupar-se o faser em tudo a mais ridicula figura d'esto mundo, figura de titere de bonecos, victima constante de pancadaria da *tiu Norica* e do *Juan de las Vnhas* e companheiros, aproveite apenas do lugar o ordenado e emolumentos que, apesar de restrictos sempre dão para mais do que 400 rs. diarios do *pasquim*, e a policia, a politica, e a administração deixe-a correr ao belpraser de seus tutores... Seja para elles o que elles querem que seja, uma copia de palha, um rei como o primeiro que Jupiter deu ás rãs....

## INTERIOR

O governo que pediu tempo para estudar— que no fim de dois meses «descobriu» que a maioria dos progressista (já ia aliado...

apresentou a lei de meios,—que dissolveu a camara mais illustrada e independente que tem havido em Portugal, insultando assim o paiz,— que assumirá a dictadura para cobrar impostos e gastar á larga, como sempre fiseram os governos regeneradores (no nome), que, finalmente, esfolará o povo, se este lhe der tempo,—é composto dos snrs. Sampaio, que renegou o seu glorioso passado e disse que não tem medo de bichinhas...

Sanches de Castro, que exige 9.000 contos para reformar o exercito e acutilar o povo.

Hintze, que doou Torres Vedras e S. Martinho ao sr. Burnay, recebendo, alem d'outras pagas por ora desconhecidas, um baile no dia em o governo devia assistir na camara electiva á discussão das emendas ao orçamento.

Basorra, que despachou um filho no dia 8 do mez passado, para o lugar d'outro delegado que «requereu» a transferencia no dia 9 d'esse mez...

Lopo, que, aliviando os grandes proprietarios e capitalistas, exige adiconaes sobre todas as contribuições já existentes.

Vilhena, o mais ousado de todos. Acantele-se o povo, d'esta canailha vilissima que por nossa desgraça foi guindada pelos arruaceiros ás eminencias do poder.

Não se illudam os leitores na escolha que em breve serão chamados a fazer.

Se não conhecerem os candidatos que d'um e outro lado se apresentarem, dirijam-se por pessoas honradas e independentes, que a escolha será acertada.

Falla-se na alliança dos partidos progressista e constituinte, e até na possibilidade do fusão, pela necessidade que todos reconhecem de ser immediatamente derribado o governo do «moderno» sr. Antonio Rodrigues Sampaio.

Este já pede soccorro ao partido constituinte, mas nada conseguirá do seu illustre chefe, o snr. conselheiro José Dias Ferreira, que, apesar do offerecimento de duas pastas aos seus amigos politicos os snrs. A. A. d'Aguiar e M. Pinheiro Chagas, foi o primeiro que rompeu o fogo contra isso que está ahí com o nome de governo.

O sr. dr. Barroso pediu na camara ao sr. ministro do reino que providenciasse de modo a evitar a continuação da anarchia em que está este distrito, apontando entre outros os factos que se tem dado na misericórdia de Fafe, em nossa Senhora do Porto e no recolhimento do Menino Deus d'esta villa.

O sr. Sampaio, o renegado, respondeu—que eram escusadas as citações feitas pelo sr. Barroso, e que lhe apontasse os factos.

Teria graça se não inspirasse compaixão o caduco auctor do «Espetáculo».

etro.

— Quería factos, que já lhe tinham sido apontados, e achava escusadas as citações quando elle as fazia tambem!

Pobre tontó!

W

## NOVIDADES

**Ao sr. Juiz Ordinario d'esta villa.**—Chamamos a attenção do sr. Juiz Ordinario d'esta villa, cujo character sobre modo respeitamos, para o modo de processar do seu escrivão, o sr. Bernardo José Simões, com accumulção de actos e terminos desnecessarios e intempestivos, com o que as custas de qualquer processo, ainda que terminado á nascença, avultam em muito, sendo geraes os clamores e queixas das partes, por tal motivo.

Tambem não podemos deixar de chamar a sua attenção para o seguinte facto que por mais de uma pessoa nos tem sido affirmado como verdadeiro. Nenhuma das petições que lhe é apresentada, ao mesmo sr. escrivão, é por este considerada em termos, e de todas desdenha, dizendo que não estão em ordem, e isto o faz com o fim de que lhe seja incumbido pelas partes o faze-las, e então ás dita a escrevente que tem para isso, sendo o custo de cada petição e duplicado de 300 reis. Não é caro, mas é irregular...

**Dous regedores.**—O sr. administrador do concelho para se desvenenhar da embrulhada em que alguns de seus tutores o metteram, com relação á nomeação de regedor para Roriz, nomeação com que desconsiderou amigos valiosos da actual situação politica e pessoas cuja recommendação devia ter em grande peso, resolveu nomear novo regedor para Roriz e conservar como regedor de Quiraz o que antes o era das duas freguezias annexas... Uma completa burla! e uma cassada de traz com a lei e com os amigos...

Voltaremos ao assumpto.

**Incendio.**—No dia 3 do corrente mez ardeu em Gamil a pequena casa de Manoel Luiz da Silva, que ficou reduzido á miseria com mulher e 3 filhos.

O fogo devorou tudo: até uma vacca, unico animal que possuía ficou carbonizada.

Consta-nos que o infeliz vai promover uma subscrição para obter roupas que substituam as que arderam de toda a familia.

**Recolhimento.**—Consta que a regente D. Anna de S. José, a escolhida da canailha e do sr. governador civil para acudir á «gravidade» espancou uma criada que commetteu o «crime» de «fazer a cama» á regente D. Maria da Conceição.

Aquella vibora mata á fome as recolhidas que não lhe beijam o pé.

Apesar d'isso a conta que apresentará de despeza ha-de ser na forma do costume—do grande capitão.

Que «madre!»

**Uma das Orças.**—Dissemos

em um dos numeros antecedenes, que uma das Orças, creada grave do sr. administrador do concelho, insultara, sem provocação alguma, uma das senhoras de Requiaens, servindo-se de palavras obscenas e immodestas. Dissemos tambem, que pouco depois, estando uma tal Filomena, moradora na rua da Estrada, na loja do sr. Falcão, a tal Orça entrou pela porta dentro, e usando da mesma linguagem, só propria das perdidas, passou a vias de facto, esbofetando e rasgando a roupa a tal Filomena. Entre as pessoas, que presenciaram estes factos, estava tambem um empregado do sr. administrador, mas como era creada grave deste senhor deixou descompor e bater á vontade.

Agora vamos á desforra.

A tal Filomena tem relações com um homem de tal ou qual posição, morador em Barcelinhos, e n'um destes dias o sr. administrador mandou intimar as mulheres de porta aberta para os fins da policia e abrangeu n'esse numero a Filomena, que nunca foi tida como tal, mas que assim era preciso para a rebaixar e tomar o desforço pela creada grave:—em que mãos está entregue a vara da administração!

O sr. homensinho, lá do lado de Barcelinhos, no tempo dos progressistas obra-se assim? talvez diga, que sim, e talvez ainda peor;—pôis seja assim.

**Camara dissolvida.**—Vai dirigir ao paiz um manifesto, contendo os principaes factos da dissolução, sendo o principal o orçamento, que o governo não quiz acceitar para gastar á falta.

**Corpus Christi.**—Deve sahir hoje pelas tres horas da tarde a processão denominada do Corpo de Deus, que a regular pelos mais annos deve ser decente, senão brilhante.

**Oldium.**—Vai apparecendo entre nós e é de erer, que as chuvas e os navoeiros o augmente;—mais ainda assim, estamos persuadidos que o anno será regular na producção de vinho, pois a nascença foi muito grande e muito já está salvo.

**Falsificadores.**—Perante o jury compareceram em Paris o barão e a baroneza Friedland, accusados de terem falsificado dezenas de vezes, em letras bancarias, a firma da princeza de la Moskowa.

Quem é a baroneza de Friedland? É a filha do duque de Persigny, ex-ministro e amigo de Napoleão III, neto da princeza de la Moskowa. Reune portanto, a nobreza dos Persigny e dos Moskow ao renome de Jacques Lafitte, o celebre financeiro, ministro de Luiz Philippe.

Seu marido é austriaco, filho de um mercador de lupulo. Intitulou-se barão de Friedland por ser appellido mais sonoro que o de Friedmann.

O processo revolveu mysterios tristonhos da vida d'esses aristocratas ociosos. O joven filho do mercador de lupulo emprestava dinheiro á noiva—filha de um duque, ex-ministro—para poder jogar em Monaco; emprestava dinheiro á sogra, á viuva do duque de Persigny, de sorte que, antes de casar, já tinha gasto com essa nobre familia a somma de meio milhão de francos. Imaginem só quanto lupulo devia vender o pobre pai para sustentar esse bello rapaz!

Em fins de 1877, casaram. Dahi a um anno e meio estavam arruma-

dos, e embora a avó possuísse milhões e milhões, o casal não tinha dez reis de seu. O barão achave-se reduzido a pedir dinheiro ao criado do club que frequentava. A esposa começou a imitar a firma da avó.

As falsas letras, de um valor avultado, duraram pouco. Quando foram vencidas, foi preciso renovar-as, e o abysmo cada vez se tornava mais fundo.

A catastrophe veio por fim. O barão e a baroneza foram presos, e a millionaria avó não quiz dar um vintem para livral-os. A morte, levou consigo a avó, e os culpados poderam com a herança pagar aos credores e sair da cadeia.

O tribunal absolveu. Voltaram ambos para a casa, onde estavam confiados a uma criada dois filhinhos.

**A humanidade e a gastronomia.**—A humanidade foi sempre debil, mas não tão debil como actualmente, porque a debilidade que padece provém do estomago.

O homem tem sido, geralmente fallando gastronomo em todos os tempos e muito principalmente quando lhe é facil satisfazer os seus appetites gulosos.

Nunca, porém, como presentemente succede, se entregou ás delicias da meza.

Passe-se hoje a vida n'um lunch permanente. Os acontecimentos politicos, scientificos, literarios, industriaes e mercantis; as inaugurações, os nascimentos, os congressos, os casamentos, os centenarios, os baptisados, os anniversarios, são todos ou quasi todos solemnizados ou commemorados com banquetes, segnidos de brindes e discursos inclusivé.

Em outro tempo reunia-se a gente para celebrar um acontecimento: comiam os convidados, mas conservavam-se callados.

E' verdade que isto era desvantajoso para as digestões, favorecidas hoje pederosamente pelos brindes em verso e prosa.

A humanidade entrou n'um periodo hygienico, da actividade material, considerada como necessidade da vida.

O espirito de sociabilidade reune em redor de uma mesa, no restaurante ou na sala de jantar de qualquer casa particular, não sómente os amigos, mas os collegas de profissão; os correligionarios politicos e os individuos menos accordes em ideias de qualquer natureza.

O almoco, o lanch, o jantar, a ceia, são o pretexto para as grande emprezas, são o selo das que se realisam com felicidade.

A inauguração de qualquer empreza sem o indispensavel banquete, não inspira interesse a não ser aos emprasarios. Todos os actos mais solemnés da vida dos povos, tem o banquete por prefacio umas vezes, outras por epilogo.

As sobremesas, porém, em desuso: são substituidas pelos brindes e discursos!

**Tem graça.**—Referem de Lisboa que os pretos que formam a charamella da processão dos Corpus Christi se dirpiram, quinta-feira, ao ministerio da guerra afim de receber o «pret», que, por causa das duvidas, tem o costume de cobrar adiantado.

Feita a cobrança, encaminhatama-se ás cavalariças da Ajuda e ali dema-

um «concerto» aos cavallos que teem de figurar no prestito, na proxima quinta-feira.

O «concerto» dado aos cavallos do sequito de S. Jorge é do estylo, e tem por fim evitar que elles se espantem com a musica da pretalhada.

**Como o diabo as arma.**  
Diz o *Primeiro de Janeiro* de 12 do corrente, que na cidade do Porto, em principios da semana passada, o sr. Joaquim Lopes de Faria, morador ao cabo da rua do Breyner, queixou-se á policia de que, de dia e noite, eram, a espaços, arremessadas pedras contra a sua habitação, cujas vidraças voavam em bastilhas.

A policia investigou, e conheceu que, de facto, os vidros eram partidos á pedrada, mas não havia descobri-se a procedencia d'estas.

Empregaram-se diligentes pesquisas, mas sem resultado satisfatorio, até que, na sexta-feira, 3 do corrente, pelas 4 horas da tarde, foram presos dois sujeitos como suppostos auctores das taes pedradas, visto que os encontraram a atirar pedras n'um quintal das vizinhanças da casa do sr. Faria.

N'estas circumstancias, julgou-se terminada a «brincadeira», mas, bem ao contrario, o predio continuou sendo apedrejado, o que deu lugar a nova reclamação por parte do inquilino.

O snr. commissario de policia da 2.ª divisão achou argente pór cobro n'aquelle ataque á propriedade, que ia sendo motivo de grandes comentarios entre o mulherio, o qual affluia a postar-se defronte da casa a fim de presenciar o destroço que as pedras faziam.

Alguns agentes policiaes estacionaram junto do predio, e outros foram espalhar-se por diversos pontos, mas nada mais conseguiram do que ser testemunhas oculares d'aquelles estragos, vendo cair á rua os vidros quebrados, e as pedras que não invisivel despedia.

O povinho, sempre disposto attribuir estes factos a origens sobrenaturaes, já dizia que eram «almas do outro mundo», havendo até quem se ufanasse de ter visto passar um vulto branco por sobre as arvores do quintal!

A policia abandonou o terreno por algumas horas, o que não fazia desde muito, nem de dia nem de noite, e, ante-hontem a tarde, introduziu-se no quintal do predio, sem ser presentida pela familia nem pelos serviaes, e fixou a vista nas vidraças, onde faiscava o sol em fragmentos de vidro que se lhes conservam presos.

De repente parte-se, como por encanto, um um vidro de uma fresta, e uma pequena mão ensanguentada surge pela abertura.

Estava desvendado o misterio! Os vidros eram quebrados de dentro para fóra.

A policia sobe de salto a escada e prendeu a servical Deolinda da Silva, que se denunciou pelo sangue que lhe escorria da mão.

Levada ao commissario policial, confessou que uma mulher de nome Bernarda de Magalhães, que sahira de casa de seus amos quando entrara havia tres semanas, promettera dar-lhe 15000 reis se parlisse todos os vidros das janelas, pois que os patrões lhe tinham feito pagar alguns por um preço excessivo; Deolinda accitara a incumbencia e d'ella se desempenhara conscienciosamente; os 15000 réis havia-os recebido já na vespera.

Bernarda de Magalhães foi desde

logo capturada e, conjunctamente com Deolinda da Silva, entregue, depois, ao juizo criminal.

**Familia envenenada.**—Participam de Guimarães, em data de sexta-feira:

Deu hontem entrada na cadeia d'esta cidade um rapaz de idade pouco mais ou menos de 14 annos, natural da freguezia de Santa Leocadia de Briteiros, por haver lançado uma boa dose de arsenico na comida que se destinava ao jantar de sua propria familia!

O criminoso foi hontem interrogado pelo integerrimo snr. dr. juiz de direito d'esta comarca, e, segundo nos consta, disse que fóra um tio quem lhe administrara o venenoso mineral, recommendando-lhe que o lançasse na comida, porém, que enterrasse a sua ração e que deixa-se comer sómente os outros seus familiares.

Quatro pessoas estão em perigo de vida.

A justifica prosegue nas mais escrupulosas averiguações.

**ANNUNGIOS**

**FESTIVIDADE**

No dia 24 do corrente celebrar-se-ha com toda a pompa a festividade do Senhor do Bomfim que todos os annos se faz nesta villa.

Na vespera daquelle dia haverá á noite o costumado arraial no largo do Bomfim, sendo este brilhantemente illuminado com profuzos e vistozos lumes de variegadas cores, e dispostos symmetricamente em lindos arruamentos; tocando peças de musica duas philarmonicas nos seus respectivos corétes, caprichosamente illuminados á veneziana. (8)

**SUCCESSAL**

DA  
Companhia União Popular  
Penhorista  
LEILÃO DE PENHORES

Nos dias 26 e 29 de junho, serão vendidos em leilão todos os penhores que, por falta de pagamento de juro foram julgados abandonados. Ha variedade de roupas para diversos usos, quantidade de objetos d'ouro e prata.

O leilão efftua-se na rua de baixo em Barcelinhos, desde as 2 horas da tarde em diante.

Avisão-se os snrs. mutuarios, a vir até o dia 25, reformar, ou resgatar seus penhores. (9)

**ALLUGA-SE**

Manoel Rodrigues da freguezia d'Oliveira, deste concelho, tem um carro de quatro rodas, puchada

por um cavallo, que aluga por preço commodo; as pessoas que da sua freguezia ou de outra qualquer podem vir n'elle, todas as quintas-feiras para Barcellos;—tambem o alluga para qualquer parte. (5)

**ALLUGA-SE**

Manoel José Ferreira Ramos, alluga parte da sua casa do largo da cadeia, quem pertender dirija-se ao mesmo.

O mesmo tem para vender uma porção de matto nas suas Bouças em S. Verissimo tanto na do Vau, como na de Freitas, a tratar com o annunciante. (6)

COMPANHIA PORTUGUEZA  
DE  
SEGURO DE VIDAS DE ANIMAES  
SOCIEDADE ANONIMA DE RESPONSABILIDADE LIMITADA  
CAPITAL 500:000\$000 réis

Esta companhia toma seguros contra o risco de morte nos animaes de todas as especies existentes em qualquer ponto do paiz.

São por este meio contrahidos todos os proprietarios lavradores e creadores a comparecerem n'esta agencia aonde se prestam todos os esclarecimentos precisos para se effectuar este importante e vantajoso ramo de seguros.

**SÊDE DA COMPANHIA**

RUA DA FIGUEIRA, N.º 2

**LISBOA**

O agente Domingos de Figueiredo, Morador na rua Pimenta de Barcelinhos. (3)

**O VIGOR DO CABELLO**

O dr. Rubber é o melhor producto inglez conhecido e recommendado em Inglaterra para os seguintes fins:

1.º Completa renovação do cabelo branco á sua primitiva cor, preto, castanho ou louro.

2.º Provoacar a nascença e crescimento do cabelo fraco, e de outro que tem caído por doença.

3.º Conservar o casco livre de doenças, e fazer dissipar a caspa

infallivelmente ao cabo de dois dias.

4.º Fortalecer o cabelo dando-lhe um brilho muito agradável, tornando-o muito sedoso e macio, tendo a vantagem de não manchar o casco da cabeça ou a roupa branca, não alterando o seu effeito á acção do sol ou do suor.

Emfim o «vigor» do dr. Rubber (visto o cabelo branco ser uma doença como outra qualquer) é o remedio infallivel que deve ser usado por todas as pessoas que se desejem curar de uma molestia que não respeita muitas vezes nem as pessoas novas.

O «vigor» do dr. Rubber, é hoje o melhor preparado para conservar o cabelo, dando-lhe o brilho da juventude, assim como tambem é o preparado mais economico, porque os frascos são muitissimo grandes.

**O restaurante do dr. Rubber.**—A applicação do restaurador da belleza, torna a cutis macia e alva, dando-lhe a formosura da mocidade, tira as sardas, panno da cara e o tostado do sol.

O Restaurador da belleza deve ser usado por todas as senhoras elegantes em lugar de pó de arroz, porque torna a cutis muitissimo clara e não se pôde conhecer a sua applicação, o que não acontece com o pó de arroz, que muitas vezes faz effeito contrario ao desejo.

As plantas mais hygienicas entram na sua fabricação, o que faz com que tenha um cheiro muitissimo agradável e penetrante. O restaurante do dr. Rubber tambem é muitissimo recommendavel para banho, no qual uma quarta parte do conteúdo de cada frasco dá um bello aroma e torna o corpo aveludado.

**La tintura do dr. Rubber.**—Torna rapidamente o cabelo á sua primitiva cor, preto, castanho ou louro.

A prova que esta tintura não tem ingredientes que a tornem nociva, é que pôde ser usada no cabelo, bigode e barba, sem deixar mancha alguma tanto na cutis como nes collarinhos.

**Oleo do dr. Rubber.**—Todas as pessoas devem ter presumpção na formosura do cabelo; o dr. Rubber inventou um preparado a que poz o nome de OLEO (mas que tal não é), cuja applicação na cabeça penetra nas bulbas capilares, fazendo nascer e crescer o cabelo debil, enfesado e outro que tem caído por doença, dando-lhe força e brilho.

Este preparado é o unico no seu genero que dá lustro ao cabelo tornando-o flexivel e sedoso; sem deixar NODOA alguma, o que não acontece com oleos e pomadas, que surjam o casco da cabeça, coadjuvando a formação da caspa.

A venda no Porto, drogaria medicinal do Abreu, rua de Bellomonte n.º 8 e 10.

Deposito e agencia geral em Portugal para onde devem ser dirigidos todos os pedidos e esclarecimentos: Antonio Dias rua do Arco do Marquez d'Alegrete, 65, Lisboa, drogaria Lusitana. (10)

EDITOR RESPONSÁVEL

João de Sá Faria

RUA DIREITA, Imprensa do Barcelense.